

Centrão desautoriza declarações de apoio ao governo

Da Sucursal de Brasília

Numa tensa reunião anteontem à noite, os líderes do Centrão decidiram desautorizar futuras declarações de seus membros vinculando o grupo ao governo Sarney. A decisão atingiu a dois deputados, Roberto Cardoso Alves (PMDB-SP) e José Lourenço (PFL-BA), e foi a saída para evitar uma virtual implosão do grupo.

A implosão tornou-se uma possibilidade concreta, com a ameaça do deputado Cunha Bueno (PDS-SP) de afastar metade da bancada do PDS do Centrão (cerca de 16 parlamentares), caso o grupo emcampasse a tese do mandato de cinco anos para Sarney. "É preciso deixar claro para a opinião pública que o Centrão nada tem a ver com o governo", disse Cunha Bueno, que defende quatro anos para Sarney.

A rebelião no Centrão começou logo depois que o grupo fracassou na votação do preâmbulo da Constituição, na quarta-feira à tarde. Depois da sessão, cerca de uma dúzia de lideranças do Centrão reuniram-se na Câmara para "uma lavagem de roupa suja", como disse ontem o deputado Afif Domingos (PL-SP).

Afif atribuiu o fracasso do Centrão,

quarta-feira (quando não conseguiu 280 votos, a maioria absoluta, para sua proposta de preâmbulo) à vinculação que Roberto Cardoso Alves e José Lourenço tentaram estabelecer entre o grupo e o governo, nos últimos dias. Cardoso Alves e Lourenço declararam esta semana que exigiriam cargos no governo em troca de apoio do Centrão ao presidente Sarney. As declarações foram "catastróficas", segundo Afif Domingos.

Elas levaram pelo menos 22 parlamentares do Centrão a votarem contra a orientação do grupo, na quarta. "Elas criaram um abalo sísmico", acrescentou ontem o deputado Roberto Jefferson (PTB-RJ). Foi para superar a crise que os líderes do Centrão se reuniram.

Participaram do encontro líderes do grupo como os deputados Ricardo Fiuza (PFL-PE), Luis Eduardo Magalhães (PFL-BA), Eraldo Tinoco (PFL-BA), Bonifácio Andrada (PDS-MG), Daso Coimbra (PMDB-RJ) e outros. Também do Centrão, o líder do governo na Câmara, deputado Carlos Sant'Anna (PMDB-BA), estava na reunião e concordou com as críticas de Afif.

Segundo o deputado Cunha Bueno, os parlamentares do PDS que defen-

dem quatro anos para Sarney irão pedir uma reunião formal com o comando do Centrão, hoje ou na próxima semana, pra levar "uma advertência" aos líderes do grupo que falam em apoiar o governo.

Consequências

As críticas tiveram consequências imediatas. Ainda na noite de quarta-feira, o deputado José Lourenço, também líder do PFL na Câmara, admitiu que foram "infelizes" suas declarações do começo da semana, quando pediu cargos do segundo e terceiro escalões do governo em troca do apoio do Centrão ao mandato de cinco anos.

Ontem, o deputado Roberto Cardoso Alves fez um discurso na sessão da tarde do Congresso constituinte no qual reafirmou sua defesa do mandato de cinco anos para Sarney, mas desvinculou esta posição das teses do Centrão. A Folha, Cardoso Alves acrescentou: "eu não abro mão dos meus direitos, como deputado, de ter minhas idéias sobre o mandato. Não se pode vincular isso ao Centrão, muito embora a grande maioria do Centrão seja a favor do presidente Sarney, o que é apenas coincidência".



Ulysses Guimarães preside a sessão plenária do Congresso constituinte ao lado de Cabral, relator da nova Constituição.

"Traidores" negam vínculo com Centrão

Fotos: Lula Marções



PAULO ZARZUR

"Ninguém pode cobrar meu voto", defendeu-se Paulo Zarzur, negando que tenha assumido compromissos com o grupo. Apesar disso, ele votou pela mudança do regimento e deu "apoio" às emendas coletivas do Centrão. Dizendo que seu voto é "mais à esquerda", Zarzur assegura que vai seguir a orientação do senador Mário Covas (SP), líder do PMDB.



GERSON CAMATA

Foi vítima do "patrulhamento do Centrão". Votou com o grupo na primeira votação do novo regimento. Recuou e seguiu a orientação de Covas na segunda rodada. O deputado Nyder Barbosa (PMDB-ES) ameaçou expulsá-lo do Centrão. Sem perder tempo, Camata seguiu o exemplo de sua mulher, a deputada Rita Camata, e se manteve fiel à liderança peemedebista.



UBIRATAN AGUIAR

Depois de votar três vezes com o Centrão, Ubiratan Aguiar (PMDB-CE) foi incluído nos "cartazes dos traidores" distribuídos pelo movimento sindical. "Isso magoa a gente", disse. No plenário, promete votar "com tudo" do projeto da Sistematização. Abre a possibilidade de dar o seu voto para o Centrão em algumas votações. "O constituinte é livre para votar como convém."



J. BEVILACQUA

Não apoiou nenhuma das nove emendas coletivas do Centrão, apesar de ter votado pela mudança do regimento. Chama o grupo de "rolo compressor" e pede calma e negociação. "Não tenho compromisso de alinhamento com nenhum grupo", afirmou. Bevilacqua foi membro assíduo do "Grupo dos 32", formado pelos "moderados". Agora, faz a linha independente.



GERSON PERES

Nervoso, Gerson Peres (PDS-PA) subiu à tribuna ontem para negar que seja um "traidor". "Não assinei nenhum compromisso com o Centrão", afirmou, quase gritando. Mesmo assim, reconheceu que assinou as emendas do grupo. Desculpou-se, acrescentando que deu "apoio" a todos os grupos. Votou a favor da mudança do regimento junto com o Centrão.



IVO VANDERLINDE

As bases reclamaram de seu apoio ao Centrão pela mudança do regimento. "Não sai do Centrão, porque não entrei", disse Vanderlinde, eleito pelo PMDB de Santa Catarina. Ele reconheceu, entretanto, que votou com o grupo três vezes em defesa de um novo regimento que permitisse a apresentação de emendas ao projeto elaborado pela Comissão de Sistematização.

Fracassa 'lua-de-mel' e Centrão fica 'humilde', diz Chiarelli

Do enviado especial a Brasília

Geralmente bem inspirado ao formular suas analogias, o senador Carlos Chiarelli (PFL-RS) dizia ontem que as coisas iam agora de vento em popa, depois de os cônjuges, por "excesso de vaidade", terem fracassado na primeira noite de lua-de-mel.

Os cônjuges são, no caso, o Centrão e seus adversários no plenário constituinte, ameaçados por um bloqueio de seus trabalhos porque, apesar de maciçamente presentes, quarta-feira, não conseguiram, nem um nem outro, a maioria necessária de 280 votos. O Centrão "está agora mais humilde", diz Chiarelli. Uma humildade que contrasta com as 319 adesões que o grupo suprapartidário obteve de início, mas que, ao não se traduzir efetivamente em votos, forçou uma política de negociação.

As negociações, efetuadas nos bastidores e de agora em diante comunicadas com seus últimos retoques em reuniões das lideranças no gabinete do deputado Ulysses Guimarães, diariamente às 11h, foram as responsáveis pelos três primeiros resultados de ontem: 487 a 15, 480 a 9 e 467 a 10. O próprio Ulysses, como presidente do Congresso constituinte, disse ao microfone, de sua poltrona, que apenas a manutenção desse "propósito de entendimento" levaria a uma

agilização da redação do texto definitivo. "De agora em diante, espero que os espíritos estejam mais desarmados", diz o deputado Deifim Netto (PDS-SP), que, antes mesmo de completar um ano de vida parlamentar, é visto como um dos mais experientes constituintes.

Até para o confronto é preciso certo grau de negociação, argumenta o líder do PCB, deputado Roberto Freire (PE). Na quarta-feira, em meio à inexperiência do plenário com o novo regimento, surgiu o risco de se derrotar um substitutivo, sem que houvesse um outro texto para votar. "Com a política de confronto sistemático, essa Constituinte não chegaria a bom termo. Vamos deixar o confronto para as questões fundamentais", diz ele, especificando, à sua maneira, que estas apenas dizem respeito à "luta de classes".

O Centrão, como era esperado, minimiza a guinada estratégica a que foi forçado pelo impasse de anteontem. "Negociação sempre haverá, mas nem por isso elas resultarão num acordo", diz Daso Coimbra (PMDB-RJ). Mas em lugar de demonstração de força em torno de questões relativamente secundárias (como o preâmbulo), Coimbra diz que haverá uma concentração de energias para assuntos mais importantes (como estabilidade). (JBN)

D